



MINAS GERAIS

Criança morre após ser retirada de buraco

Pedro Augusto, de 8 anos, ficou quase 20 horas à espera do resgate, uma operação "meticulosa" que atravessou a noite e provocou comoção na cidade de Carmo do Paranaíba (MG). Menino chegou a ser levado a uma UPA, mas não resistiu

» ISADORA ALBERNAZ*

CBMMG/Divulgação

Uma criança morreu, ontem, depois de passar quase 20 horas presa em um buraco, a 6 metros de profundidade, em Carmo do Paranaíba, no Triângulo Mineiro. Pedro Augusto Ferreira Alves, de 8 anos, chegou a ser socorrido pelo Corpo Militar de Bombeiros de Minas Gerais, após uma delicada operação de resgate que durou mais de 16 horas. Ele brincava em um terreno perto da casa em que morava quando sofreu o acidente.

A informação da morte foi confirmada pela prefeitura de Carmo do Paranaíba, na manhã de ontem, logo após o menino dar entrada na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da cidade. Os profissionais de saúde tentaram reanimar Pedro Augusto, mas ele não resistiu.

Segundo o Corpo de Bombeiros, que comandou a operação de resgate, o menino foi retirado do buraco por volta das 9h45, quando já apresentava sinais de inconsciência. Ele ainda sofreu uma parada cardiorrespiratória no momento em que recebia os primeiros socorros. Durante a operação, que atravessou a noite, Pedro Augusto se manteve consciente e foi alimentado e hidratado, segundo relatos dos bombeiros.

A mãe da criança, Paloma Barbosa, que passou a noite em vigília acompanhando o trabalho dos socorristas, disse que Pedro Augusto costumava brincar no



Com máquinas e equipamentos de resgate, bombeiros viraram a noite trabalhando para salvar Pedro

terreno. Segundo ela, no domingo, ele foi até o local, que está em obras, com uma prima. Ela disse que o menino "escorregou" no buraco.

Risco de desabar

O resgate foi considerado pelos bombeiros como um procedimento "meticuloso", uma vez que, por se tratar de um aterro, havia risco de desabamento de terra. Na operação, foram destacados 21 bombeiros, divididos em três frentes: uma para

verificar a segurança do local e da criança; outra para manter contato com Pedro Augusto; e a terceira, para executar a escavação manual horizontal.

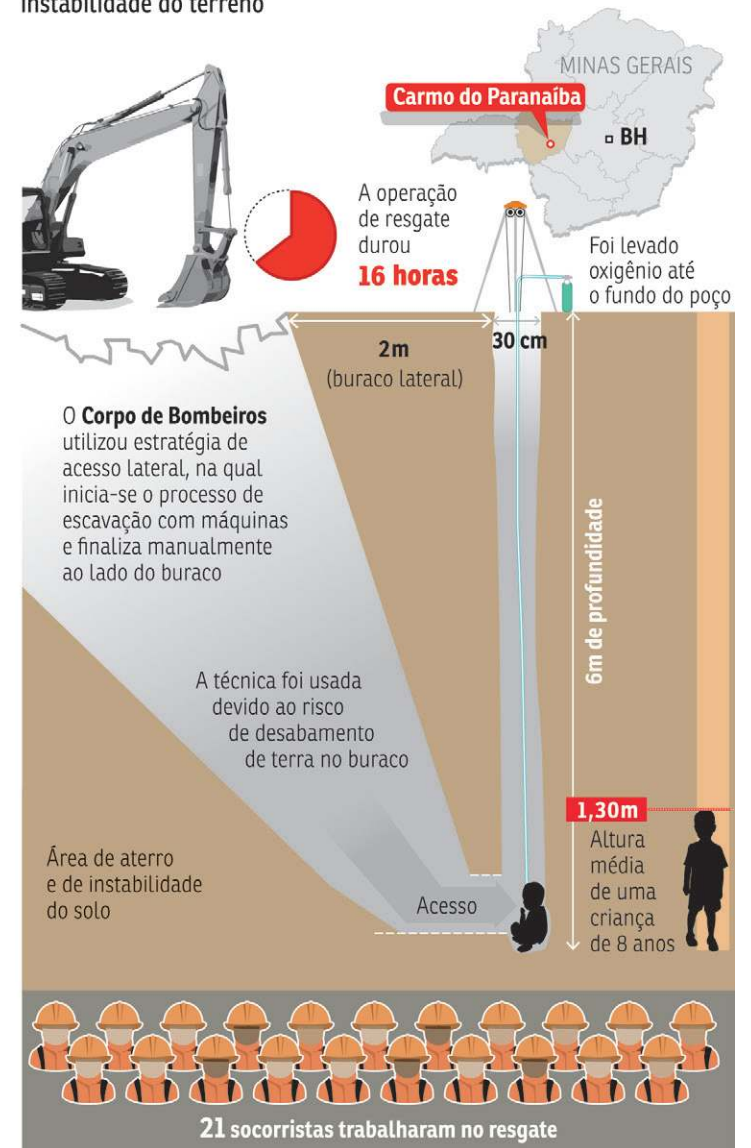
Primeiro, os militares tentaram retirar Pedro Augusto por meio da técnica de içamento, mas a criança estava com a perna presa no buraco, o que impossibilitou sua retirada por completo. Depois que constaram o perigo de desabamento, que poderia soterrar a criança, os bombeiros optaram por escavar outro buraco paralelamente ao primeiro.

O Corpo de Bombeiros de Minas Gerais suspeita que a obra que estava sendo tocada no terreno não contava com as devidas sinalizações e proteções. A corporação não tem sede própria em Carmo do Paranaíba, na região do Alto Paranaíba. A cidade tem cerca de 30 mil habitantes e fica a, aproximadamente, 50 km de Patos de Minas, município de referência para a região.

*Estagiária sob a supervisão de Vinicius Doria

Horas de agonia

Socorristas levaram mais de 16 horas para tirar Pedro Augusto do buraco, em uma operação delicada por causa da instabilidade do terreno



VARIOLA DOS MACACOS

Sem vacina, governo aposta na informação

» TAINÁ ANDRADE

O Ministério da Saúde lançou, ontem, a Campanha Nacional de Prevenção à Variola dos Macacos, que tem como objetivo orientar a população brasileira em relação à doença. Segundo a pasta, a partir de hoje serão veiculadas informações sobre a monkeypox em TVs, rádios e mídias externas, como outdoors em locais de grande circulação de pessoas, além de portais e redes sociais. "As informações oficiais sobre a doença (serão veiculadas) de forma didática, simples e direta, principalmente em sua forma de transmissão, em como evitar o contágio, os sintomas e o que fazer em caso de suspeita", informou o ministério.

O ministro Marcelo Queiroga também informou que as tratativas para aquisição de vacinas devem ser concluídas hoje.

O governo federal negocia com o laboratório dinamarquês Bavarian Nordic, por intermédio da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), para que o Brasil receba um lote de 50 mil vacinas, quantidade que não é suficiente para uma imunização em massa. De acordo com Queiroga, a vacinação em larga escala está descartada. Os imunizantes serão direcionados para profissionais da saúde que tenham contato direto com pessoas infectadas. "É necessário que haja um contrato a ser firmado pelo

Ministério da Saúde com a Opas, para deixar isso bem claro, para que tenhamos uma previsão de entrega dessas vacinas. A previsão era que se entregasse no fim do mês de agosto. A Socorro (Gross, representante da Opas) me informou que seria no começo de setembro. Seriam duas remessas, agora são três. Há uma carência desse insumo a nível mundial", explicou.

Para a campanha nacional, a estratégia formulada pela pasta prioriza quem está em contato direto com a doença. Um dos problemas apontados pelo ministro é a incapacidade do SUS de fazer testes de detecção da doença. "No Alto Amazonas não temos a condição de realizar um teste de monkeypox no presente momento, mas, se houver a necessidade de ampliar, até mesmo para atender a população indígena aldeada ou não, faremos isso", declarou o ministro.

Imunizantes

Queiroga destacou que os imunizantes "não irão controlar o surto" de monkeypox e que medicação para uma imunização em massa, na verdade, "uma complementação à prevenção". O fundamental, de acordo com ele, "é o repasse de informações corretas".

"Vamos conseguir 50 mil doses, mas elas não têm o poder de controlar esse surto. Estão aí para proteger os profissionais

Fotógrafo/Agência Brasil



No caso da varíola dos macacos, a maior prevenção é a informação correta da forma de contágio dessa doença"

Marcelo Queiroga, ministro da Saúde

de saúde que lidam diretamente com o material contaminado. Com essas 50 mil doses, não dá para proteger todos os profissionais de saúde do Brasil, até porque a maioria deles não lida com essa situação", ressaltou.

O ministro explicou que a vacina é produzida em pequena escala por um laboratório de pequeno porte, "uma pequena indústria da Dinamarca que produz para atender uma necessidade restrita, e essa pequena

indústria não tem condições de escalar a produção de vacina e tampouco há hoje qualquer indicação para vacinação em massa decorrente da varíola dos macacos".

Para ele, o ideal seria o Brasil ter capacidade de produção da vacina. No início de julho, inclusive, o Instituto Butantan anunciou a criação de um comitê para discutir análises, estudos e propostas para uma produção nacional da vacina contra a varíola

dos macacos, mas não houve atualizações devido ao início do período de campanhas eleitorais, determinado pelo Superior Tribunal Eleitoral (STE).

"Vulneráveis"

Para José David Urbaz, presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) no Distrito Federal, a pequena oferta de vacinas para a doença é um problema real, pois não foi planejada para

atender a uma grande demanda. Como a quantidade de imunizantes que o governo vai adquirir é pequena, o especialista defende que sejam priorizados os grupos mais susceptíveis a complicações. "Sou a favor de que seja vacinada, em primeiro lugar, a população vulnerável, que tem sido identificada como uma circunstância que serviu para a introdução desse surto, a qual estudos confirmaram serem de grupos de homens que fazem sexo com homens", explicou. A OMS concluiu que 98,5% dos casos de monkeypox foram registrados em pessoas do sexo masculino.

No mundo, os casos já somam 41,5 mil ocorrências. O Brasil está em terceiro lugar entre os países com maior incidência, com 3,7 mil contaminados. O epicentro é o estado de São Paulo, seguido por Rio de Janeiro e Minas Gerais. Na semana passada, a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez um alerta ao Brasil para que decretasse emergência de saúde, o que foi descartado pelo ministro Queiroga por considerar que a doença tem uma baixa letalidade e que a disseminação de informações é suficiente.

"São situações absolutamente distintas. A covid-19 foi identificada em dezembro de 2019, nós não conhecíamos essa doença. Já a varíola dos macacos é conhecida desde 1976, como doença endêmica na África, seja na República Democrática do Congo, seja na região da África Ocidental. A letalidade dessa doença é baixa, o vírus é diferente. Então, no caso da varíola dos macacos, a maior prevenção é a informação correta da forma de contágio dessa doença", esclareceu o ministro.